

## **O USO DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS NO ENSINO DA BIOÉTICA: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

Nei Antonio Nunes\*

### **I) O valor das metodologias no ensino**

No limiar da modernidade as revoluções filosófica e científica introduziram, não sem variações, transformações substanciais no modo de viver e pensar dos indivíduos e das sociedades. As mudanças na compreensão humana da relação entre espaço e tempo, o aprofundamento no conhecimento da natureza, e a intenção em dominá-la, a vinculação entre conhecimento e técnica e a utilização de novos instrumentos científicos, são ilustrativos das grandes alterações realizadas pela cultura moderna. Aliada aos processos políticos e econômicos, a profusão de novas idéias sobre o mundo humano e natural, a partir da produção dos conhecimentos filosóficos e científicos, foi marcada pelo estabelecimento de critérios de validação das pesquisas e de seus respectivos resultados. É consequência desse movimento a consolidação do “método” como condição necessária para o acesso à verdade científica ou filosófica.

Embora haja, em nossos dias, grande e justificada desconfiança em relação a qualquer corrente de pensamento que proponha o estabelecimento de métodos universais como caminhos seguros de acesso à “verdade”, isto não invalida o caráter necessário da reflexão crítica sobre os procedimentos metodológicos – “metodologias” –, até porque estes são decisivos tanto na esfera da produção quanto na do repasse do conhecimento. A negação das discussões metodológicas poderia conduzir pesquisadores

---

\* Bacharel em Filosofia, Mestre em Educação e Doutorando do programa de Sociologia Política da UFSC. Professor de Bioética e Filosofia do Direito na Unisul, pesquisador do ISI e bolsista do CNPq – Brasil. E-mail: [neinunes@bol.com.br](mailto:neinunes@bol.com.br)

e professores, nas atividades de pesquisa e na relação pedagógica, à práticas equivocadas porque marcadas pela superficialidade, pelo relativismo e pela mera espontaneidade.

Como sabemos, o desenvolvimento científico-tecnológico das últimas décadas do século XX possibilitou à atividade docente o uso de “aparelhos” que auxiliaram sobremaneira os profissionais da educação viabilizando, por exemplo, o aprimoramento de estratégias pedagógicas. Objetivando socializar e tornar atraentes conteúdos muitas vezes considerados herméticos, diversos professores utilizaram em suas aulas aparelhos sofisticados – Vídeos-cassetes, DVDs, Computadores, Data-shows, etc. – que serviram, e vêm servindo, de importante suporte as diferentes estratégias metodológicas. Prova disso é que a eficácia na transmissão de conteúdos não impressos, em sala de aula, enriqueceu significativamente as práticas pedagógicas.

A experiência educacional mostra que a relação pedagógica exige comprometimento ético de professores e alunos. No entanto, o compromisso ético não deve ser confundido e/ou reduzido a “boa intenção” de quem quer que seja na atividade pedagógica. Em outros termos, o mal uso de qualquer instrumento didático, por mais que alunos ou professores possam estar bem intencionados, pode gerar, por exemplo, problemas que vão do desinteresse dos alunos ao erro conceitual na transmissão do conhecimento. Sem perder de vista que a atividade pedagógica deve propiciar “acontecimentos” nos quais a liberdade humana e o aprimoramento do espírito crítico se efetivem, ela não deve prescindir de “cuidados especiais”. Entendemos por cuidados especiais ações como: a preparação das aulas em consonância com o plano de ensino, o rigor na escolha do material bibliográfico e audio-visual a ser transmitido aos alunos, a sistematização das discussões, das atividades realizadas e dos respectivos resultados, entre outros.

## **II) Bioética: novo saber, novos desafios no processo de ensino-aprendizagem**

O aparecimento da bioética como um campo de pesquisa e de ensino é um acontecimento bastante recente. Nas últimas décadas, junto com as inovações biotecnológicas – que contribuíram significativamente com as ciências da vida –, surgiu a necessidade de reflexões éticas em torno das pesquisas científicas e das práticas institucionais que envolvem a vida. Em outros termos, os novos dilemas morais advindos da produção e aplicação dos saberes sobre o viver humano motivaram movimentos sociais e debates teóricos que contribuíram decisivamente para a consolidação da bioética.

Cabe acrescentar que em nossos dias um misto de esperança e temor cerca os debates sobre as pesquisas com embriões, as experiências com animais, mas também o superpoder dos grandes laboratórios científicos, bem como a relação entre os avanços genéticos e a exploração mercadológica dos resultados das pesquisas. Como vemos, é premente a criação de espaços de reflexão crítica sobre estes saberes e as suas implicações éticas, político-sociais e econômicas. Concordamos com Zuben quando afirma que a bioética aparece nos últimos anos como a instância adequada e competente para articular o debate em torno dos dilemas que envolvem as relações entre as tecnociências e a vida humana.<sup>1</sup>

Mas, afinal, do que trata este novo saber que vem adquirindo paulatinamente importância nos debates acerca dos vários aspectos que envolvem a vida? Na década de 70, a divulgação de práticas científicas marcadas pelo desrespeito à vida humana, revoltou parte da comunidade civil norte-americana mobilizando, assim, integrantes da

---

<sup>1</sup> ZUBEN, 2006, p. 23-25.

comunidade científica, políticos, juristas, teólogos, entre outros, ligados aos mais diferentes grupos sociais.<sup>2</sup> Estes propunham o estabelecimento de princípios básicos que norteassem a experimentação com seres humanos nas ciências do comportamento e na biomedicina. Como enfatizamos, o referido movimento foi decisivo para o aparecimento e a consolidação da bioética na ordem dos saberes.

A bioética procura, assim, ampliar a reflexão filosófica sobre os problemas éticos suscitados a partir dos fenômenos biológicos básicos da vida (nascimento, qualidade de vida, morte) e dos seus diferentes aspectos socioculturais. Em outras palavras, a bioética faz parte da ética prática e estuda os problemas morais relacionados com o início, o meio e o fim da vida.<sup>3</sup>

Um dado bastante significativo na consolidação desta área de ensino e pesquisa é o expressivo aumento do número de disciplinas de bioética no ensino médio e no terceiro grau. No âmbito universitário, em cursos como Direito, Filosofia, Medicina, Enfermagem, Psicologia, são estruturadas disciplinas que trabalham integralmente, ou parcialmente, os temas da bioética. A atualidade deste campo de conhecimento e a produção de extenso material áudio-visual, com pertinência ao debate acadêmico em torno das questões bioéticas, fez com que filmes e documentários se transformassem numa riquíssima fonte de reflexão e pesquisa a ser explorada no espaço da sala de aula. No entanto, não é demais repetir que algumas “prescrições de prudência” podem evitar o insucesso dos docentes e discentes no uso destes instrumentos pedagógicos.

---

<sup>2</sup> Dentre os graves acontecimentos que suscitaram a reflexão bioética, destacamos a situação dos negros doentes que não eram tratados, mas simplesmente observados para verificar como a sífilis se desenvolvia naturalmente: “desde os anos de 1940, mas descoberto apenas em 1972, no caso de *Tuskegee study* no estado do Alabama, foram deixados sem tratamento 400 negros sífilíticos para pesquisar a história natural da doença. A pesquisa continuou até 1972, apesar da descoberta da penicilina em 1945. Em 1996, o governo norte-americano pediu desculpas a esta comunidade negra pelo que foi feito.” (PESSINI apud. BEAUCHAMP; CHILDRESS, 2002, p. 9-10)

<sup>3</sup> DALL'AGNOLL, 2004, p. 15-16.

Se considerarmos que o uso de um filme ou de um documentário pode ter o valor didático aproximado ao de um texto discutido em sala, isto significa que o conteúdo proposto no áudio-visual tem tanta importância e merece, apesar de suas diferenças com relação aos textos, o mesmo rigor e cuidado que deve ser destinado a um artigo ou a um capítulo de livro discutido com os acadêmicos.

De passagem, vale refletirmos também sobre o que sugere Alexander quando discute a importância do estudo dos autores clássicos: o “texto” e o “contexto” são fundamentais numa reflexão que tenha por objetivo ser crítica.<sup>4</sup> Embora as preocupações de Alexander se restrinjam a discussão metodológica em pesquisa social, e não do tema que aqui nos propusemos a analisar, a saber, o uso pedagógico de filmes e documentários, não devemos ignorar esta tese de que uma análise crítica deve considerar, em termos metodológicos, o texto e o contexto. Estas considerações se aplicam tanto à leitura de um autor clássico em sala quanto à reflexão sobre um filme ou documentário exibido aos acadêmicos.

Como vemos, a vinculação entre texto e contexto também se aplica ao uso do áudio-visual no ensino. Desta forma, no estudo da bioética é preciso que o professor procure conhecer preliminarmente a problemática tratada na película, bem como o contexto sócio-histórico e intelectual no qual a trama se desenvolve, pois só desta maneira poderá realizar satisfatoriamente a composição do material áudio-visual com os objetivos propostos na disciplina, articulando, assim, o vídeo com a bibliografia, com as estratégias de sala de aula e (quando for o caso) com a subsequente avaliação.

Aliás, se Alexander alerta para a não negligência do texto e do contexto na reflexão crítica, Deleuze assinala que a relação cinema-filosofia, portanto cinema e saber, é a relação da imagem com o conceito.<sup>5</sup> Assim, o estudo e o ensino da bioética

---

<sup>4</sup> ALEXANDER apud GIDDENS; TURNER, 1999, p. 80-81.

<sup>5</sup> DELEUZE, 1992, p. 83.

tem na produção cinematográfica um grande aliado. Para tanto, filmes e documentários, na medida em que veiculam conceitos, não devem substituir as bibliografias, mas compor forças com elas visando criar novas perspectivas de análise e experiências de ensino.

### **III) O uso de filmes e documentários em sala de aula**

Tão importante quanto discutir a utilização adequada dos filmes e documentários nas aulas, é identificar efeitos deletérios gerados pelo uso inadequado. Sendo assim, um filme ou documentário não pode ser utilizado como uma espécie de “tampa buracos”. É inapropriado passar um filme em sala sem a preparação prévia – sem a inserção no cronograma da disciplina e, desta forma, no plano de ensino – e a vinculação com os objetivos do curso ministrado. A falta de programação da atividade, por parte do professor, pode custar caro: ou os alunos ficam totalmente desinteressados com o filme, inclusive alguns deles “fugindo” da sala de aula, ou gostam do filme, mas não conseguem estabelecer qualquer relação com a disciplina. Diga-se a propósito, mesmo que a película tenha relação com a disciplina, o professor não deve projetá-la em sala sem a devida vinculação explícita com o conteúdo específico – por exemplo, com a bibliografia referente àquela unidade que está sendo discutida. Caso contrário, os acadêmicos perceberão rapidamente um “vazio” existente entre as tramas do filme, o conteúdo da unidade e o discurso do professor. O fato de o profissional conhecer com profundidade o conteúdo que ministra não diminuirá sua dificuldade em estabelecer clara vinculação deste com o conteúdo do filme. Por exemplo, se a história ficcional sugere conhecimentos básicos sobre uma sociedade que existiu num dado momento histórico – contexto sócio-histórico e intelectual – totalmente desconhecida do

professor, isto poderá levá-lo a emitir, em sala, juízos de valor anacrônicos ou até mesmo preconceituosos.

Longe de propor “receitas prontas” para a elaboração das aulas, o que seria uma mistura de prepotência e ingenuidade, apresentaremos, a seguir, algumas possibilidades de uso dos filmes e documentários nas aulas de bioética. Para tanto, propomos, a partir do material selecionado – dois filmes longa-metragem, um curta-metragem e um documentário – alguns procedimentos que, como cremos, podem auxiliar na preparação das aulas, como também na sua realização. Nunca é demais repetir que o profissional deve levar em conta na elaboração do plano de ensino os conteúdos áudio-visuais, explicitando-os no cronograma da disciplina.

- a) **Filme: “O Jardineiro Fiel”**. Este filme pode ser uma excelente oportunidade para a discussão dos quatro princípios do “Princípioalismo”, a saber, o da autonomia, da beneficência, da não-maleficência e da justiça. Primeiramente, é de suma importância que o professor discuta o contexto da trama do filme com os alunos: por exemplo, a situação sócio-política e econômica dos países pobres da África e o monopólio da indústria farmacêutica em escala mundial. Segundo, utilize para o aprofundamento da discussão bibliografia condizente com os propósitos da reflexão bioética em questão. Uma boa indicação de leitura para esta aula são os capítulos do livro **Ética Prática**, de Peter Singer, que contemplam, em certa medida, a temática tratada no filme.<sup>6</sup> Para o aprofundamento do princípioalismo, vale propor aos alunos a leitura de excertos

---

<sup>6</sup> No primeiro capítulo Singer faz uma importante discussão sobre o conceito de ética. Visando a articulação com o conteúdo do filme, talvez seja oportuno trabalhar também os seguintes capítulos: “A igualdade e suas implicações”, “Ricos e pobres” e “Fins e meios”. (SINGER, 1994, p. 9-23, 25-64, 229-259, 305-330)

da obra **Princípios de ética biomédica**.<sup>7</sup> Uma outra abordagem que pode ser explorada a partir deste belo filme é a discussão sobre as noções de biopoder e biopolítica. A problematização política, social e jurídica das práticas de sujeição “individualizantes” e “totalitárias” expõe processos de racionalização que legitimaram, historicamente, a supressão da vida – o genocídio, a discriminação étnica e social, etc. – nos mais diferentes níveis. Estas práticas, cabe ressaltar, ferem os princípios bioéticos na medida em que sujeitam tanto as vidas dos indivíduos, a partir da singularidade de seus corpos, quanto de populações inteiras com base em dispositivos de controle dos corpos populacionais. Subseqüente a apresentação do filme, podem ser desenvolvidas estratégias de debate seguidas de produção textual dos acadêmicos a partir de perguntas propostas pelo professor. Como bibliografia a ser pesquisada sobre os temas da biopolítica e do biopoder, as análises de Michel Foucault e Giorgio Agamben podem render importantes reflexões.<sup>8</sup>

- b) **Filme: “Invasões Bárbaras”**. Nesse caso, seria bastante proveitoso que o professor conhecesse o filme **“O declínio do Império Americano”**, isto porque as relações e a continuidade cronológica entre as películas são evidentes. Desta forma, é possível acompanhar nos dois filmes as diferentes trajetórias das personagens ao longo das últimas décadas – continuidades e rupturas com base nos contextos. Temos nesse filme um olhar bastante particular sobre a questão bioética da eutanásia. Por isso, seria conveniente confrontá-lo, por exemplo,

---

<sup>7</sup> BEAUCHAMP; CHILDRESS, 2002.

<sup>8</sup> Sobre os conceitos de biopolítica e biopoder, vale a pena selecionar e propor aos alunos a leitura de alguns extratos e até de capítulos dos livros de Michel Foucault e Agamben. Há várias sugestões na bibliografia deste artigo.

com as análises de Singer no capítulo “Tirar a vida: os seres humanos”.<sup>9</sup> No entanto, a trama do filme sugere outras possibilidades de análise. As teses em torno da construção de uma “ética como cuidado” – que visaria dentre outras coisas re-significar as relações de si consigo e com os demais – e a “amizade” como imperativo ético, político e estético, são temas pertinentes ao debate bioético que podem ser discutidos a partir deste filme. Para aprofundar esta temática propomos as abordagens de Foucault e Francisco Ortega.<sup>10</sup>

- c) **Filme: “Velha história”.** Este curta-metragem de animação é baseado no poema de Mario Quintana, que tem o mesmo título. O filme mostra a tentativa de “aculturação” de um peixinho por um pescador que, ao pescá-lo, se afeiçoa pelo bichinho, tamanha a sua “fragilidade”. Este filme de 6 minutos ajuda a desconstruir a idéia de que os humanos, mesmo que bem intencionados, possam fazer com os animais aquilo que bem entendem. Desta forma, de acordo com o poema e o filme, no final das contas o peixinho morre afogado. A história é singela, mas se acompanhada de bibliografia adequada pode gerar significativas discussões a respeito do tema dos direitos dos animais. Sobre esta questão bioética sugerimos, além da leitura do poema, a discussão das análises de Peter Singer sobre o tema e o livro de Sônia Felipe, que defende a posição abolicionista, intitulado **Ética e Experimentação animal. Fundamentos abolicionistas**. Com especial interesse aos acadêmicos de Direito, o livro citado

---

<sup>9</sup> SINGER, 1994, p. 185-227.

<sup>10</sup> Do filósofo francês sugerimos a entrevista por ele concedida nos anos 80 sobre o tema da ética do cuidado de si. (FOUCAULT, 1994, p. 708-729). De Ortega, excertos dos seguintes livros: ORTEGA, 1999 e ORTEGA, 2002.

traz em anexo a “Declaração Universal dos Direitos dos Animais” e a “Proclamação dos Direitos dos Animais”.<sup>11</sup>

- d) **Documentário: “Auschwitz – A fábrica da morte do império nazista”.** Este documentário produzido pela BBC está dividido em seis episódios que apresentam o campo de concentração nazista de *Auschwitz* desde a fundação – seu projeto arquitetônico, construção, transformações... – até seus últimos dias no final da Segunda Grande Guerra. O documentário propõe a reflexão sobre vários temas pertinentes à bioética como a eugenia, a xenofobia, o sexismo, etc. No limite, é possível dizer que a própria noção de racionalidade – quer definamos como instrumental, bárbara, binária... – é colocada em xeque pela banalização da maldade relatada nas várias histórias, entrevistas e testemunhos apresentados no documentário. Como sugestão para o aprofundamento dos temas propomos, além dos textos de Foucault e Agamben sobre a biopolítica e o biopoder, a coletânea de artigos e entrevistas de Theodor Adorno intitulada **Educação e Emancipação**. Adorno chega a afirmar num dos textos contidos no livro – “Educação após *Auschwitz*” – que a exigência que *Auschwitz* não se repita é a primeira de todas as que se impõe a educação.<sup>12</sup>

#### IV) Considerações finais

É importante salientar que estas sugestões – o formato das atividades, os critérios pedagógicos na escolha do material áudio-visual ou mesmo os filmes e livros indicados neste artigo – se constituem única e exclusivamente numa possibilidade de

---

<sup>11</sup> Os capítulos intitulados “Igualdade para os animais?” e “Tirar a vida: os animais” são sugestivos. (SINGER, 2002, p. 65-92; 119-143). Quanto ao livro de Sônia Felipe, dependendo dos objetivos específicos o professor poderá fazer uso de diferentes capítulos. (FELIPE, 2007).

<sup>12</sup> ADORNO, 2000, p. 119-138.

abordagem dos temas da bioética, ante as inúmeras fontes bibliográficas e áudio-visuais e o variegado campo de metodologias que podem ser experimentados. Por exemplo, outra profícua possibilidade na qual filmes e documentários podem auxiliar, com especial pertinência a área do Direito, é o estudo de casos que envolvam dilemas bioéticos. Já há em nossos dias importantes bibliografias e produções áudio-visuais que subsidiam substantivamente esta perspectiva de análise.<sup>13</sup>

Longe de propor o engessamento num único formato didático-pedagógico, o que seria um suicídio pedagógico, reafirmamos nossa convicção de que o uso de filmes e documentários no ensino da bioética não deve prescindir do rigor analítico e dos cuidados metodológicos. Recapitulando, a elaboração prévia das atividades que envolvem textos e vídeos, o estabelecimento de critérios coerentes na escolha e na articulação da bibliografia com o filme ou o documentário, a realização de pesquisas sobre os contextos, a articulação entre o processo avaliativo e os “acontecimentos pedagógicos” vivenciados em sala de aula, são cuidados que podem contribuir de maneira significativa com o ensino da bioética nas diferentes áreas, a exemplo do campo do Direito.

Creemos que os vários dilemas éticos, suscitados pelos riscos aos quais a vida fica exposta em nossos dias, trazem a tona a urgência do debate bioético dentro e fora do espaço acadêmico. A análise dos temas mais controversos como o princípio da vida e o direito a decidir as condições e a hora da própria morte, mas também o da garantia de direitos sociais, políticos e civis, fazem parte dos grandes desafios do debate bioético na atualidade. Como atividade crítica por excelência, a bioética deve inquirir as ciências, as várias práticas institucionais, a cultura e a sociedade, mas também a si mesma – seus limites e possibilidades. No ensino, a bioética deve possibilitar a *ascese* de professores e

---

<sup>13</sup> A respeito de bibliografia que analisa casos em bioética, citamos por exemplo o apêndice do livro **Princípios de ética biomédica**, intitulado “Exposições de casos”. BEAUCHAMP; CHILDRESS p. 543-560.

estudantes – o “exercício de si mesmo” – na reflexão e nas mais diferentes práticas vivenciadas no espaço educacional. Aliás, no ensino da bioética as “metodologias”, como arte reflexiva dos procedimentos epistemológicos e pedagógicos, têm a tarefa de propor modalidades de investigação e de ação aos pesquisadores, docentes e discentes, visando a auxiliar no espírito e na atitude crítica destes sujeitos. Nessa perspectiva, o uso apropriado dos filmes e documentários pode ampliar os horizontes educacionais da bioética contribuindo, assim, com a sua consolidação como espaço de análise crítica e de ação criativa comprometida com a vida.

## V) Bibliografia

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer – o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004. Coleção. Estado de sítio.

ALEXANDER, J. C. “A importância dos clássicos”. In: GIDDENS, A. e TURNER, J. (org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1999.

BEAUCHAMP, T. L. e CHILDRESS, J. F. **Princípios de ética biomédica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BIZZO, Nélcio M. V. “O paradoxo social-eugênico, genes e ética”. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 24, pp. 28-37, dez./fev., 1994/95.

BORGES, Maria de Lourdes et all. **O que você precisa saber sobre ética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

- CABREZA, Júlio. “A filosofia sempre foi cinema”. **Revista Cult**, ano 9, n. 104, p. 41-43, julho, 2006.
- CLEMENTE, A. P. C. (org.). **Bioética no início da vida**. Dilemas pensados de forma transdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2006.
- DALL'AGNOL, D. **Bioética: princípios morais e aplicações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972 - 1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- FELIPE, S. T. **Ética e experimentação animal**. Fundamentos abolicionistas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- FORTES, P. A. C. **Ética e saúde**. Questões éticas, deontológicas e legais: autonomia e direitos do paciente, estudos de casos. São Paulo: UPU, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. 1954-1988. Paris: Gallimard, 4 vols., 1994.
- \_\_\_\_\_. **La vida de los hombres infames**. La Plata: Altamira, 1996. (Colección Caronte Ensayos)
- \_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Michel Foucault – Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a. (Ditos e escritos; III)
- \_\_\_\_\_. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- \_\_\_\_\_. **Naissance de la biopolitique**. Cours au collège de France. 1978-1979. Paris: Gallimard, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Michel Foucault – Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. (Ditos e escritos; V)
- \_\_\_\_\_. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. In: \_\_\_\_\_. **Dits et écrits**. Vol. IV, Paris: Gallimard, 1994, pp. 708-729. (Tradução provisória de Nei Antonio Nunes)
- GARRAFA, V. e COSTA, S. I. F. **A bioética no século XXI**. Brasília: UnB, 2000.

NUNES, Nei A.; ASSMANN, Selvino J. “A escola e as práticas de poder disciplinar”. In: **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 18, n. 33, p. 135-153, jan./jun., 2000.

\_\_\_\_\_. “Michel Foucault e a genealogia como crítica do presente”. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, v. 4, nº 1, Florianópolis, jan./jun., 2007.

NUNES, Nei A. “Jeremy Bentham e os projetos panóptico e panoptismo: luzes e sombras na maximização da utilidade”. In: **Cadernos da Formação: Pensar a política ou a tarefa do pensamento sócio-histórico no Brasil**. Florianópolis, n.1, p. 23-41, out. 2003.

\_\_\_\_\_. “Quando a história encontra o corpo: interface entre os deslocamentos foucaultianos e a iconoclastica kafkiana”. **Escola Anna Nery. Revista Brasileira de Enfermagem**. No Prelo

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PENA, Sérgio D. J. “Conflitos paradigmáticos e a ética do projeto genoma”. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 24, pp. 68-73, dez./fev., 1994-95.

SINGER, Peter. **Ética prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VASQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

ZATZ, Mayana. “Os dilemas éticos do mapeamento genético”. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 24, pp. 20-27, dez./fev., 1994/95.

ZUBEN, N. A. V. **Bioética e tecnociências**. A saga de Prometeu e a esperança paradoxal. São Paulo: Edusp, 2006.